

T3 sobre “a realidade da cultura” (Morais, 1992).

Caio Melo, Camila Pissinatto, Gabriela Naves, Mariana Gomes e Rafael Pedrão

Com contribuições dos grupos e do professor

Em seu texto “a realidade da cultura”, Regis de Moraes (1992) conceitua cultura através das palavras do antropólogo Kluckhohn (1963): “É a nossa herança social, em contraste com a nossa herança orgânica. É um dos fatores importantes que nos permitem viver juntos numa sociedade organizada, fornecendo-nos soluções prontas aos nossos problemas, ajudando-nos a prever o comportamento dos outros e permitindo que os outros saibam o que esperar de nós”. Ou seja, a cultura é composta por nossas crenças, costumes e moral, o que nos permite integrar determinada organização social.

Embora o antropólogo Kluckhohn descreva a cultura como uma herança social, não é possível interpretá-la como algo que determine drasticamente o viver humano, tornando os homens objetos passivos. De fato, ao mesmo tempo em que esta herança condiciona nossas vidas, também somos capazes de modificá-la de acordo com as nossas vivências.

No século XIX, um dos primeiros conceitos científicos definia que “cultura ou civilização, tomado em seu sentido etnográfico lato, é aquele todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, lei, costumes, assim como todas as capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (Willelms, 1996: p.6). Mais tarde, Herskovits (1964) propõe que “cultura é parte do ambiente feita pelo homem”. Assim, trata-se de tudo que foi engendrado pela inteligência, através da intenção e da habilidade do ser humano.

De fato, Regis de Moraes considera que o conceito técnico de cultura é forjado apenas no século XIX, referindo-se a “técnico” como um enunciado mais complexo, elaborado e preciso, capaz de ser útil tanto a cientistas como a filósofos. É interessante ressaltar que o Regis de Moraes defende a importância deste conceito técnico, ou antropológico, de cultura, com vistas a promover discussões e reflexões sobre o tema.

Convém destacar que os sentidos de cultura mudaram bastante. No Mundo Antigo, em especial o romano, cultura se associa com diferentes relações do homem com seu meio, como por exemplo a “agricultura”, referindo-se ao cuidado da terra, e a “cultura scientiae”, no sentido da aquisição de novos conhecimentos e experiências. Efetivamente, cultura foi, por muito tempo, considerada como privilégio de poucos, enquanto habilidade de falar e escrever ou acesso aos estudos. Trata-se assim de uma conceituação clássica de cultura, segundo John Thompson (1995).

O conceito antropológico de cultura se refere ao conjunto da humanidade. De fato, a criação de cultura ocorre pela necessidade do homem enquanto ser social. Com efeito, o homem necessita ser adestrado, ensinado, socializado e educado para a convivência social, o que é diferente de animais irracionais sociais que possuem organização societária resultante de uma fatalidade biológica, ou seja, seres geneticamente especializados para a vida social, como é o caso de abelhas e cupins.

Diversamente, os seres humanos são desdotados de especialização genética para a vida social. Contudo, o que lhes absolutamente falta neste âmbito, é fartamente compensado com a inteligência e criatividade.

Quando semeamos uma planta, uma ervilha, por exemplo, desde que germine, já sabemos que terá folhas, grãos e vagens extremamente parecidos com sua espécie. Já os seres

humanos são uma grande interrogação, apesar de possuir características básicas, há um enorme potencial para um desenvolvimento muito específico.

A propósito, Clifford Geertz (1980) destaca que não existe natureza humana independente da cultura, que é essencial para a formação do homem. Assim, considerando que a cultura desenvolveu-se simultaneamente ao próprio equipamento biológico humano, deve ser compreendida como uma das características da espécie, ao lado do bipedismo e de um cérebro volumoso e complexo.

Por outro lado, Darcy Ribeiro (198, p. 127) concebe cultura como constituída por três sistemas: o sistema adaptativo, que trata da questão fundamental da sobrevivência e da adaptação entre homem e natureza; o sistema associativo, que se interessa pelas relações intersubjetivas e pelas organizações (institucionais ou não) da vida humana e; o sistema ideológico, que trata da expressividade do homem em produções religiosas, artísticas, filosóficas e científico-tecnológicas.¹

Com efeito, a cultura pode ser descrita como uma densa e complexa rede de signos repletos de significados, desde as ações mais banais que executamos para nos mantermos vivos até as regras de convivência requintadas ricas de produções espirituais. Issac Epstein (1985, p.21) insiste que cultura é sempre dotada de sentidos resultados da descoberta do homem da dialética entre a necessidade e a possibilidade, o que lhe fez acrescentar sentidos à primeira.

Desta forma, são definidos e eleitos valores de acordo com as transformações históricas. De fato, os valores não são eternos, mas precários. Desta maneira, são associados a processos de valoração que renovam e alteram os valores, o que permite voltar a pensar na permanente e rápida transformação da cultura.

Enfim, ao chegar ao mundo, todo ser humano se encontra no interior de uma complicada trama de formas, costumes, linguagem, sistemas relacionais e instituições. Trata-se da herança cultural que o recém-nascido receberá. Este ser é dotado de heranças biológicas que lhe permitem aprender e transformar a herança cultural. Efetivamente, não há obrigatoriedade de manter o herdado cultural. Assim, esta característica intrínseca do ser humano de modificar a cultura recebida de seus antepassados, graças a sua capacidade de raciocínio e criatividade, pode ser pensada em termos de uma plenitude humana, cuja potência pode ser maior ou menor em virtude do caráter democrático e tolerante de determinada sociedade.

Referências

GEERTZ, Clifford (1980), Transição para a humanidade. In: O Papel da Cultura nas Ciências Sociais. Porto Alegre: Editorial Villa Martha. Disponível em <http://sinop.unemat.br/site_antigo/prof/foto_p_downloads/fot_7830geeytz_a_tbansicao_paba_a_humanidade_pdf.pdf> Acesso em 17/09/2018.

HERSKOVITS, Melville (1964), Man and his works: in *Antropologia cultural* (2 vols.), São Paulo: Ed. Mestre Jou

¹ Outra conceituação pertinente de cultura é proposta por Edward Palmer Thompson (1998), segundo a qual “cultura é um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de instrumentos conflitivos, que somente sob uma pressão imperiosa - por exemplo, o nacionalismo, a consciência de classe ou a ortodoxia religiosa predominante - assume a forma de um sistema. Na verdade o próprio termo “cultura”, com sua invocação confortável de um consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições existentes dentro do conjunto” (THOMPSON, 1998, p. 17).

KLUCKHOHN, Clyde (1963), *Antropologia: um espelho para o homem*, Belo Horizonte: Editora Itatiaia.

MORAIS, Regis (1992), *Estudos de filosofia da cultura*, São Paulo: Edições Loyola.

RIBEIRO, Darcy (1985), *Teoria do Brasil*, Petrópolis: Ed. Vozes.

THOMPSON, E. P. (1998), *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras.

THOMPSON, John (1995), *Ideologia e cultura moderna*, Petrópolis: Editora Vozes.

WILLEMS, Emílio (1996), *Antropologia social*, São Paulo: Difusão Europeia do Livro.